

GT 1 – Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação

ISSN 2177-3688

JOHN DEWEY E DAVID LANKES: SOBRE A NOÇÃO DE DEMOCRACIA E A “NOVA BIBLIOTECONOMIA”

JOHN DEWEY AND DAVID LANKES: ON THE NOTION OF DEMOCRACY AND THE “NEW LIBRARIANSHIP”

Khaterim Pessoa Ferreira - Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)

José Claudio Morelli Matos - Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: A pesquisa aborda a Nova Biblioteconomia proposta por David Lankes, relacionada à noção de democracia do filósofo John Dewey. Nela, se questiona a possibilidade de que a teoria da vida democrática de John Dewey possa se relacionar com a noção de democracia que David Lankes apresenta na Nova Biblioteconomia. E qual a atuação do bibliotecário a partir disso? A opção metodológica é a análise de texto, usada na intenção de instruir a forma como se compreende o texto apresentado, mostrando as razões para isso dentro do próprio texto. No resultado, foram percebidas conexões entre os autores que mostram que a democracia voltada para a troca de experiências e crescimento é o que ambos defendem. A maior missão do bibliotecário seria, portanto, a de facilitar a criação de conhecimento. A consonância encontrada entre os autores mostra que é possível aproximar outras áreas de pesquisa para aprofundar abordagens inovadoras como a Nova Biblioteconomia.

Palavras-chave: John Dewey; David Lankes; Nova Biblioteconomia; Democracia.

Abstract: The research addresses the New Librarianship proposed by David Lankes, related to the notion of democracy of the philosopher John Dewey. It questions whether it is possible that John Dewey's theory of democratic life can relate to the notion of democracy that David Lankes presents in the New Librarianship. It also questions what is the librarian's role from this? The methodological option is text analysis, used in order to instruct how the text presented could be understood, showing the reasons for this within the text itself. It perceives as a result connections between the authors that shows democracy focused on the exchange of experiences and growth is what the authors defend. The librarian's greatest mission would be to facilitate the creation of knowledge. The consonance found among the authors shows it is possible to bring together other areas of research to deepen innovative approaches such as the New Librarianship.

Keywords: John Dewey; David Lankes; New Librarianship; Democracy.

1 INTRODUÇÃO

Este é um estudo teórico sobre como a biblioteca participa da construção e do fortalecimento da democracia nas comunidades por ela atendidas. Se fundamenta na noção

de “Nova Biblioteconomia”, tal como formulada pelo bibliotecário David Lankes, em conexão com a teoria da sociedade democrática desenvolvida pelo filósofo e educador John Dewey. Partindo delas, chegou-se a um questionamento, que se pretende responder ao final deste trabalho. Propõe-se as seguintes questões: É possível que as teorias do filósofo John Dewey, especialmente a sua noção de democracia, possam ser relacionadas com a noção de democracia apresentada por David Lankes, na Nova Biblioteconomia? E qual a atuação do bibliotecário a partir disto?

A metodologia utilizada para chegar a resultados teve como abordagem a pesquisa qualitativa e descritiva. O procedimento técnico foi a pesquisa bibliográfica com resultados obtidos através de um comparativo de obras específicas dos autores escolhidos para a pesquisa.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO

Ocorreram importantes e significativas mudanças na década de 90, especialmente no desenvolvimento de Tecnologias da Informação. Isto trouxe mudanças em aspectos diversos. Na Biblioteconomia, forçou o bibliotecário a tirar o foco principal do acervo e de suas técnicas de preservação e catalogação. Até então, a Biblioteconomia privilegiava o pensar “para dentro” da biblioteca: para as coleções que eram guardadas, para as rotinas e dinâmicas delas, para a catalogação e classificação. As últimas três décadas serviram para colocar novos problemas para as bibliotecas e para a Biblioteconomia, obrigando a produzir novos modelos de atuação que condizem com esses desafios (ARAÚJO, 2017).

O bibliotecário passou a ser visto “não mais como um conservador do ‘museu do livro’, de ‘braços cruzados’, limitando-se a ver como os usuários usam os livros, mas um agente propulsor de cultura” (ARAÚJO, 2013, p. 44). Com isto, entende-se que a biblioteca passou a perceber as outras necessidades dos interagentes, além da necessidade informacional encontrada nos livros e usar esse diálogo para melhorar as bibliotecas. Ao contrário do que era previsto, as bibliotecas não acabarão e a profissão não será perdida com o rápido avanço tecnológico.

O que se quer dizer é que a sociedade pode ter produzido a informação, mas ainda precisa da biblioteca e dos bibliotecários. Sendo assim, diante dos desafios, do amplo acesso informacional, das TIC, dos processos automatizados, mostra-se que as bibliotecas se fazem necessárias, mas com novas possibilidades de atuação. Uma delas é a ideia que David Lankes

faz do novo perfil do bibliotecário. O autor entende que o papel dos bibliotecários seria ajudar a sociedade a progredir, facilitando a produção de conhecimentos. Seu conceito de Nova Biblioteconomia encontra-se ligado à noção de democracia pois, para o autor, “uma verdadeira democracia requer a participação de uma sociedade bem informada. A principal missão das bibliotecas, [...] é criar uma nação de cidadãos ativos e informados” (LANKES, 2016, p. 43).

A Biblioteconomia tem dado uma especial atenção à comunidade e ao papel social da área. A biblioteca está mudando seu espaço para mais do que apenas disponibilizar a informação ao interagente. Isto faz com que novas formas de atuação comecem a aparecer, voltadas à cultura e às necessidades da comunidade. Com isso, esta pesquisa busca investigar o conceito de Nova Biblioteconomia, relacionando com a sociedade democrática, a fim de vislumbrar uma perspectiva de atuação para o bibliotecário.

3 A TEORIA DA VIDA DEMOCRÁTICA DE JOHN DEWEY

John Dewey (1859-1952) foi um filósofo, pedagogo e considerado um dos fundadores do movimento filosófico chamado pragmatismo. Em seu livro *Democracia e Educação* (originalmente publicado em 1916) estabelece um critério de avaliação da qualidade da vida social. Mas antes de explicar esse critério, é preciso dizer que, para Dewey chegar a tratar o tema Democracia, o autor fez detalhadas considerações sobre sua teoria de comunicação, sobre a educação como transmissora da vida social e sobre uma sofisticada noção teórica do crescimento. Foi na base desta construção que chegou à sua teoria de Democracia (CEDEP, 2017; CUNHA, 2008).

Para Dewey, o crescimento é desenvolvimento, e a condição para crescer é a imaturidade. Esta Dewey define com duas qualidades: i) ser dependente de outras pessoas; e ii) ter plasticidade para aprender e se adaptar. “A primeira fornece a base para o crescimento, o desenvolvimento; a segunda constitui no desenvolvimento” (DEWEY, 1959, p. 57). Por essa razão, antes de falar sobre sociedade e sobre seu conceito de democracia, Dewey defende que para ser possível a democracia numa sociedade, é preciso que os indivíduos sejam capazes de se desenvolver, e que isso não tem outro fim a não ser mais desenvolvimento.

A originalidade de John Dewey como filósofo reside em forjar um significado para a democracia, que condiz com suas concepções de outros conceitos relevantes em seus livros. Há uma conexão entre seus conceitos, que os torna profundos e faz com que a ideia de

democracia chegue à compreensão do leitor como uma condição ou modalidade de vida associada, que terá como efeito a promoção de comunicação e do crescimento dos indivíduos. Dewey é considerado um dos principais teóricos contemporâneos da sociedade democrática, sendo sua relação com o tema a maior fonte de ligação para o presente trabalho. Ao fazer uma conexão com seus conceitos é possível perceber a força de suas ideias.

John Dewey, nos primeiros capítulos do seu livro *Democracia e Educação*, de 1916, discorre sobre meio ambiente, sociedade e crescimento, que são importantes para o entendimento do seu critério de democracia. Dewey diz que “as palavras ‘ambiente’ e ‘meio’ denotam alguma coisa mais do que o lugar em que o indivíduo se encontra. Indica uma particular continuidade entre o meio e as próprias tendências ativas do indivíduo” (DEWEY, 1959, p. 12). Isto é, o meio ambiente, para Dewey, é o lugar onde o indivíduo se encontra, ajudando o mesmo a se manter vivo.

Dewey considera que a educação servirá de instrumento para a continuidade da vida em seu sentido social e por essa razão sua teoria educacional tem uma forte tonalidade ambiental. A sociedade irá existir, tanto como a vida biológica, por causa do processo de transmissão. Essa transmissão será feita por meio da comunicação, ocorrendo dos mais velhos para os mais novos, de tudo que lhe for proveitoso para ajudar na adaptação, como hábitos, pensamentos e sentimentos (DEWEY, 1959).

Para Amaral (2007, p. 68-69), “A palavra comunicação é de grande valor para Dewey, pois está implicada no processo de conhecimento e no ato de compartilhar com a comunidade”. Partindo disto, pode-se afirmar que Dewey entende que a comunicação é uma das vias para compartilhar conhecimento à comunidade. Isto será importante para entender a relação dos dois autores – Dewey e Lankes – com o conceito que cada um mantém de comunicação.

Dewey entende que “um ser cuja atividade se acha associada à de outros tem um ambiente social” (DEWEY, 1959, p. 13), demonstrando que o ambiente social é o ambiente onde toda atividade é pensada na ou pela ação dos outros. Mesmo que o indivíduo esteja sozinho, ao pensar em alguma coisa relacionada a outros, ele está em um ambiente social. A comunicação depende do contato e das experiências com o meio físico, o qual normalmente se esquece de pensá-lo ao meio que ele é mais importante: o campo das relações sociais (DEWEY, 1959).

Amaral (2007, p. 35) diz que o que define a essência da democracia, em Dewey, é o caráter do conceito de vida compartilhada e que “os interesses do indivíduo e as exigências sociais constituem aspectos complementares que dão significado e direção tanto ao comportamento do indivíduo quanto ao da sociedade”, sendo então que as idealizações, relações, irão se tornar semelhantes nos indivíduos por dependerem um do outro para tomar algo como decisão. À vista disso, as coisas irão adquirir significado quando usadas de forma conjunta ou numa experiência partilhada.

John Dewey dedica o capítulo 7 do livro *Democracia e Educação*, de 1916, para explicar a sua ideia de democracia. Ele alega que uma sociedade é, na verdade, um aglomerado de outras sociedades que se mantêm por causa de interesses em comum entre os membros que dela fazem parte. Esses interesses podem ser fortes ou fracos, sendo boas ou más associações — exemplificados por ele no livro por uma quadrilha de ladrões, que pode ser considerada um grupo social. O autor alega também que toda educação proporcionada por um grupo tende a socializar seus membros, mas que a qualidade e o valor dessa socialização irá depender dos hábitos e aspirações do grupo (DEWEY, 1959; MATOS; FERREIRA, 2016).

Dewey desenvolveu um critério de avaliação da qualidade da vida social. Os dois pontos do seu critério são: “Até que ponto são numerosos e variados os interesses conscientemente compartilhados? Até que ponto são intensas e livres de relações com outras formas de associação?” (DEWEY, 1959, p. 89). Ou seja, o grau em que os interesses em comum são compartilhados entre os membros de um grupo social (ou interesse compartilhados dentro do grupo) e o grau de interação desse grupo com outros grupos (ou reciprocidade entre grupos sociais) (DEWEY, 1959; MATOS; FERREIRA, 2016).

O autor considera seu critério como um critério de grau de democracia, pois usando os dois resultados que são extraídos por conta dele, se tem a noção de até que ponto os valores da vida social vão estar ligados aos valores de crescimento. Assim, analisando o crescimento que pode haver na sociedade analisada, é possível medir até que ponto ela é democrática ou não.

A democracia não é apenas uma forma de governo: ela é, em sua matriz, uma forma de vida associada, onde haverá experiências conjuntas mutuamente comunicadas. Obviamente, uma sociedade onde inevitavelmente há separação de classes, deve procurar formas de dar oportunidades intelectuais acessíveis a seus indivíduos (DEWEY, 1959; MATOS; FERREIRA, 2016).

John Dewey diz que:

Uma sociedade é democrática na proporção em que prepara todos os seus membros para com igualdade aquinhoarem de seus benefícios e em que assegura o maleável reajustamento de suas instituições por meio da interação das diversas formas da vida associada (DEWEY, 1959, p. 106).

Deste modo, para o crescimento de uma sociedade, deve-se usar a educação como forma de fortalecimento do interesse compartilhado nas pessoas. Isto se relaciona com o que David Lankes propõe com a Nova Biblioteconomia, pois a democracia, quando formada a partir da comunicação, age como propulsora da mudança constante do indivíduo. Portanto, nos dois autores, a experiência educativa é um ponto importante. Lankes aborda isso quando entende que a biblioteca seja um lugar onde a conversação deve acontecer, como um ambiente facilitador da troca de experiências dos membros da comunidade.

Pode-se relacionar outra teoria de John Dewey também com a de David Lankes, sendo que a concepção de Educação Nova, do primeiro, é muito parecida com alguns ideais da Nova Biblioteconomia. Na Educação Nova, o educador deve entender que o meio ambiente irá influenciar o modo de aprender. O educador deve saber usar essa informação de forma proveitosa para ajudá-lo a moldar e influenciar as experiências que seus alunos irão desenvolver a partir disso. David Lankes chama de conhecer a comunidade na qual está inserido. No caso dele, fala-se do bibliotecário e não do educador. Contudo, o bibliotecário assim como professor, tem a chance de promover e impulsionar a educação dos seus alunos ou seus interagentes. Lankes diz que não se pode gravar o conhecimento no indivíduo, mas se pode moldar suas conversas. Ele entende que a missão do bibliotecário não é transferir conhecimento e nem ensinar a comunidade, mas ser um agente facilitador. Os bibliotecários devem criar condições para que a aprendizagem aconteça, de modo a satisfazer a necessidade do seu interagente de aprender. E, para isto, é preciso que ele conheça sua comunidade.

O indivíduo será sempre apto a se modificar e sua educação sempre resultará em nova educação. Dewey chamaria essa ideia de usar experiências antigas para produzir experiências novas, ou de “aprendizagem ao longo da vida”.

4 A NOVA BIBLIOTECONOMIA DE DAVID LANKES

David Lankes é professor de Biblioteconomia e diretor da *School of Library & Information Science* na Carolina do Sul. Vêm sendo lido e discutido atualmente por conter diversas publicações: mais de 40 capítulos de livros, sendo co autor de 38 (mais 38 ou dentre

os 40?), artigos publicados e também periódicos. Contudo, se destacam seus três livros, os quais o autor trouxe a ideia de Nova Biblioteconomia que defende atualmente (PRADO, 2017).

Lankes traz a discussão sobre democracia no livro *The Atlas of New Librarianship*, de 2011, pensando que o bibliotecário precisa ser o facilitador da conversação entre os indivíduos, proporcionando a comunicação entre eles, entendendo que a democracia está enraizada nessas conversações, sendo os lugares públicos — como as bibliotecas — onde deve ocorrer tal processo. Assim, a biblioteca e o bibliotecário passam a promover a comunicação refletida na sociedade. Entretanto, não se pode confundir com a prática democrática dentro do espaço das bibliotecas.

Para Lankes, baseado em Buschman, “Uma instituição não pode incentivar a democracia sem praticá-la” (BUSCHMAN, 2007 *apud* LANKES, 2011, p. 234, tradução nossa). Dito isto, não se pode incentivar e facilitar a conversação sobre democracia em uma biblioteca se o bibliotecário responsável não pratica a democracia, ouvindo seus interagentes. Lankes o relaciona com sua teoria do *Atlas* sobre a importância e decisões da comunidade dentro das bibliotecas, sendo uma das bases do seu conceito de Nova Biblioteconomia.

No livro *Expect More: Melhores Bibliotecas para um Mundo Complexo*, de 2016, Lankes traz a ideia de democracia no segundo capítulo. Para Lankes, uma verdadeira democracia liberal tem como requisito as bibliotecas, e que liberal significa mais do que votar. Defende que democracia liberal inclui proteger as liberdades civis e a constituição contra um poder governamental que atue de forma abusiva e que a biblioteca é importante, pois ela requer uma participação da sociedade, que precisa estar bem informada. A principal missão das bibliotecas, indiferente do seu tipo, é criar “cidadãos ativos e informados” (LANKES, 2016, p. 43). Para o autor, portanto, um cidadão informado sustenta a democracia.

Lankes (2016) diz que “uma democracia operante deve desenvolver ativamente [...] uma população instruída”. Isto quer dizer que a população deve ter direito ao estudo e a instrução nos mais diversos assuntos e que isso pode ser um trabalho do bibliotecário.

Parte das expectativas crescentes para nossas bibliotecas é ir além das frouxas conexões retóricas entre democracia, comunidade informada e bibliotecas, ou então corre-se o risco de fazer um dos mais importantes argumentos a favor das bibliotecas soar falso (LANKES, 2016, p. 48).

A democracia não é baseada apenas em uma questão política. Ela está ligada à educação e indivíduos bem instruídos tornam a comunidade cada vez mais democrática. Para

isso, é preciso saber as diferenças que a biblioteca e o bibliotecário fazem no governo de sua comunidade.

A democracia é o maior elo de ligação encontrado entre os autores. Tanto Lankes quanto Dewey são americanos, e é justo dizer que os dois veem a democracia liberal com maior destaque. Mas como visto anteriormente, a democracia liberal pode ser interpretada tanto no sentido mais capitalista, quanto pelo lado mais igualitário. O segundo, pode-se afirmar ser o lado apoiado pelos dois autores. Para Dewey,

O espírito liberal é marcado por sua própria imagem do modelo que é necessário: uma organização social que tornará possível liberdade e oportunidade efetivas para crescimento pessoal na mente e no espírito de todos os indivíduos (DEWEY, 2008, p. 81, grifo nosso).

E pode-se confirmar que Lankes compartilha da mesma ideia, quando ele diz que

Se uma comunidade (uma escola, uma cidade, uma universidade) investe o seu dinheiro na aquisição de coisas, essas coisas devem beneficiar a comunidade como um todo. [...] A missão das bibliotecas não é redistribuir riquezas. Você deve esperar que ela construa bens comuns – uma infraestrutura comum para o uso de toda a comunidade. (LANKES, 2016, p. 31-32, grifo nosso)

Então, a democracia liberal deve ajudar a construir oportunidade igual a todos, ajudando a produzir hábitos mentais, de caráter, padrões intelectuais e morais, o que acontece com a ajuda da educação. Diferente da visão de muitos, a democracia liberal não precisa utilizar a violência para mudanças drásticas. O liberal assume uma visão diferente, onde deve se tornar radical, na concepção de uma necessidade de mudanças, de forma completa (DEWEY, 2008).

O conceito de Nova Biblioteconomia desenvolvido por David Lankes no seu livro *The Atlas of New Librarianship*, de 2011, é voltado para a comunidade e o conhecimento que é construído de forma coletiva entre os interagentes da biblioteca, produzido quando há um diálogo e conversação entre esses interagentes (CORRÊA, 2014; FERREIRA; ARAÚJO, 2016).

Lankes (2011) acredita que a Biblioteconomia que é constituída atualmente não conta com uma forte teoria para se basear. Por consequência, ele aproveita teorias de outras áreas para fundamentar a Nova Biblioteconomia, como as teorias de aprendizagem e a Teoria da Conversação de Gordon Pask. Assim, Lankes se volta para a aprendizagem e o conhecimento desenvolvido na biblioteca: se encontra na aprendizagem e no conhecimento uma rica variedade de ferramentas conceituais que podem ser aproveitadas e se pode aplicar tais

conceitos sobre qualquer tipo de organização que as bibliotecas irão servir. Não somente, é entendido que esse conceito se relaciona com os indivíduos, tanto os que vão estar aprendendo algo quanto os que irão facilitar a aprendizagem. No caso, tanto do interagente que vai aprender algo, quanto do bibliotecário que irá facilitar essa aprendizagem.

Gordon Pask é o autor da Teoria da Conversação, que Lankes diz ser uma das bases da Nova Biblioteconomia. Na conversação, mudanças linguísticas não irão transmitir conhecimento, mas irão provocar participantes da conversa a se tornarem informados de “informações uns dos outros”. O processo de construção de conhecimento vem de participantes poderem dizer que entendem o conhecimento de outro participante (SCOTT, 2001).

A Teoria da Conversação serviu de apoio para os estudos de Lankes, em especial na fundamentação conceitual do que Lankes chama de “visão de mundo” do livro *The Atlas of the New Librarianship*. A visão de mundo se concentra na forma como é feita a aprendizagem de conhecimento. Se afasta do foco atual visto em bibliotecas, que está mais voltado às informações, o seu acesso e os artefatos informacionais. Os artefatos são úteis somente na medida em que são usados para (ou são resultados de) construir conhecimento por via de uma aprendizagem ativa. Os bibliotecários deverão se preocupar diretamente com o comportamento e os efeitos dos serviços da biblioteca sobre os indivíduos que dela fazem parte do que com algum conceito externalizado. Isto é, para Lankes, em essência, o valor de um livro ou do bibliotecário para algum assunto é avaliado levando em consideração a necessidade do interagente da biblioteca por aquilo e a capacidade do mesmo em aprender (LANKES, 2011).

Lankes (2011) diz que parte de ser um bibliotecário nessa “visão de mundo” da sua teoria de Nova Biblioteconomia é ser consciente das teorias e ser um profissional reflexivo. A Teoria da Conversação molda a missão dos bibliotecários, onde a visão de mundo e missão deverão acomodar as teorias de aprendizagem e focar no aprendizado e responsabilidades individuais dos bibliotecários. É complexo modificar a missão de uma biblioteca, então a visão de mundo é onde o bibliotecário pode agir de forma a sempre estar atendendo a necessidade dos seus interagentes (LANKES, 2011).

5 O FUTURO DAS BIBLIOTECAS

Lankes (2016) diz que para se ter uma verdadeira democracia liberal, as bibliotecas serão um requisito para essa conquista. A verdadeira democracia vai precisar da participação de uma sociedade bem informada. A principal missão das bibliotecas, independentemente de seu tipo, é criar cidadãos ativos e informados. Uma democracia deve desenvolver ativamente uma população que seja instruída. Entende-se que um cidadão informado é necessário para sustentar uma democracia e que as bibliotecas podem ajudar na manutenção e participação da democracia com três aspectos: transparência, acesso e educação. Boas bibliotecas vão possuir os três aspectos.

Quando Lankes fala em promover transparência, acesso e educação, ele não fala de coisas novas. A transparência, por exemplo, pode ser promovida com o depósito legal da biblioteca nacional; o acesso pode vir pela disponibilização de materiais e outros meios de informação que a comunidade necessita; por fim, a educação não só pelas necessidades atendidas, mas também com facilitar a troca de experiências da comunidade. Ele diz que: “Francamente, desejo que os bibliotecários possam falar mais sobre os desejos e aspirações de suas comunidades” (LANKES, 2016, p. 49).

Fica claro, sem dúvida nenhuma, que seu livro *Expect More* é focado nas bibliotecas como um espaço de participação social e de aprendizado; da biblioteca como uma plataforma comunitária para se criar e compartilhar conhecimento. A importância da comunidade se mostra e ela merece uma Nova Biblioteconomia, “uma nova biblioteca que permita mudanças radicais positivas” (LANKES, 2016, p. 50). Isso se encaixa em um dos critérios de John Dewey para uma sociedade democrática. Os dois critérios — o primeiro sobre cada grupo ser uma sociedade e que participamos de várias sociedades ao mesmo tempo; o segundo sobre a comunicação entre essas sociedades — orientam para a democracia. Significa, portanto, vários pontos de participação de interesse comum e sobre os interesses comuns serem regulamento social; de cooperação entre os grupos sociais para mudança dos hábitos, auxiliando na contínua readaptação social (DEWEY, 1959). Entende-se então que os dois autores veem a educação — na forma de troca de experiências entre membros de uma comunidade/sociedade — como a chave para a democracia.

Para Dewey (2008), a troca de interesses dentro e entre sociedades é o maior poder educacional que existe e que o meio social molda as disposições e atitudes dos indivíduos. Os

indivíduos precisam compartilhar ativamente experiências para que cada um, da sua maneira, possa ter um maior enriquecimento.

Lankes se assemelha aos estudos de Dewey quando diz que “Comunidades são grupos de pessoas que se reúnem em torno de alguma variável em comum” (LANKES, 2016, p. 115). Acrescenta ainda que, das comunidades assim descritas, “nem todas precisam de bibliotecas. Mas, naquelas que precisam, a biblioteca é parte dela” (LANKES, 2016, p. 115). Assim, se mostra a semelhança e compatibilidade dos questionamentos feitos por ambos, mas a importância que Lankes dá para a comunidade é o que faz toda a diferença na Nova Biblioteconomia. Dewey reforça a ideia de troca de experiências como formadora de uma comunidade, mas a ideia de a comunidade constituir a biblioteca em si é o que transforma o conceito de Nova Biblioteconomia em algo realmente eficaz.

Uma Nova Biblioteconomia para Lankes não se baseia apenas com bibliotecas como local ou acervo de livros, mas com a ideia de uma plataforma comunitária para compartilhar e criar conhecimento. Por isso, bibliotecas precisam ser da comunidade e não para a comunidade. Os serviços oferecidos pela biblioteca e pelo bibliotecário não podem ser genéricos, mas planejados para que atendam às necessidades específicas da comunidade a qual a biblioteca está inserida. Argumenta que é preciso construir uma Nova Biblioteconomia que não se baseie em livros e outros artefatos, mas no conhecimento e na comunidade. É preciso olhar além de edifícios e livros, mas voltar o olhar para os profissionais. Em seu livro, Lankes chama a atenção do bibliotecário: “aqui está a chave para uma biblioteca bem-sucedida: você. [...] Se você se preocupa com o futuro, ou com a economia, ou com o futuro da democracia em seu país, sua biblioteca também deve se preocupar” (LANKES, 2016, p. 24-25).

Assim, considera que as bibliotecas, no seu atual momento, proporcionam benefícios para suas comunidades, mas pode-se esperar mais delas. Deve-se acreditar que todo tipo de biblioteca pode garantir a economia de sua comunidade e ajudar a criar novas indústrias. Esse argumento é baseado na crença de que ambientes ricos em informação são onde acontece um melhor aprendizado. A expectativa é que a biblioteca seja uma facilitadora proativa para o conhecimento e os meios de facilitação não se aplicam apenas ao bibliotecário e às bibliotecas. Deve-se pensar também no modo como esses meios serão aplicados: o que definirá as bibliotecas será uma combinação entre missão, os meios de facilitação que ela propõe e um conjunto de habilidades e princípios éticos (LANKES, 2016).

Isso é o que a Nova Biblioteconomia propõe e esta é a visão que Lankes tem de como uma biblioteca e um bibliotecário devem agir. Não há nenhuma novidade, mas simplesmente uma mudança de foco e uma confiança de que os bibliotecários querem continuar tendo uma importante função na melhoria da sociedade e da cidadania.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do presente estudo promoveu uma análise textual sobre as obras dos autores John Dewey e David Lankes, a fim de perceber o entendimento dos mesmos sobre a democracia. Além disso, foi possível perceber outras semelhanças entre os autores.

Na discussão percebeu-se cinco pontos importantes a partir da fundamentação teórica deste estudo, que foram essenciais para chegar aos resultados. O primeiro ponto encontrado foi o conceito de democracia liberal defendido pelos autores, voltado muito mais para o crescimento em conjunto de uma comunidade pelo lado mais igualitário do conceito. Os dois autores defendem a democracia como um modo de alcançar mudanças usando a educação mediada pelo meio social. Essa educação molda o indivíduo a partir das experiências trocadas com outros. Lankes, em particular, apoia a ideia de que a biblioteca seja uma plataforma onde essa troca possa ocorrer.

O segundo ponto é a importância que os autores dão para a sociedade, pois dão grande valor à troca de experiências. Entendem que isto pode incentivar o crescimento do indivíduo, assim como o crescimento da sociedade na qual ele se insere. A biblioteca deve fazer parte ativamente da vida social e promover o crescimento, sendo um espaço ativo de aprendizagem.

No terceiro ponto percebe-se que a ideia de crescimento de Dewey se identifica com desenvolvimento, e tal processo só é possível quando dependemos dos outros e usamos essa dependência para ganhar experiências que usamos a nosso favor. Toda experiência deve contribuir para os indivíduos de alguma forma, então o crescimento só é possível com interações sociais. A biblioteca é o espaço planejado especialmente para que essas interações aconteçam.

No quarto ponto, é discutido sobre a Nova Biblioteconomia e Escola Nova, pois ao pesquisar os outros conceitos chegou-se ao entendimento que os dois termos exigem uma mudança de atuação dos profissionais do conhecimento – o educador e o bibliotecário.

E por último, chega-se ao ponto em que se explica como Lankes entende que o bibliotecário deve agir. Percebe-se que o autor não pretende modificar radicalmente tudo que vem sendo feito na Biblioteconomia. A biblioteca já traz benefícios, mas se pode esperar que elas façam ainda mais.

A ideia de democracia presente na Nova Biblioteconomia mostra que o crescimento deve ser perseguido por todos, de forma a melhorar a sociedade em que eles estão inseridos. Ambos autores argumentam no sentido de que isso só é possível com cidadãos bem informados, tendo a biblioteca um papel preponderante neste processo.

Os resultados teóricos aqui apresentados objetivam encorajar novas pesquisas, onde outras obras de David Lankes possam ser analisadas, a fim de mostrar que suas ideias são possíveis de serem colocadas em prática na Biblioteconomia brasileira. Além disso, há muito a se caminhar para que a Nova Biblioteconomia ultrapasse as fronteiras acadêmicas. O trabalho pretendeu ser um passo dentro desse longo caminho a ser percorrido.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Maria Nazaré de Camargo Pacheco. A Busca da Segurança Prática. *In*: AMARAL, Maria Nazaré de Camargo Pacheco. **Dewey: Filosofia e experiência democrática**. São Paulo: Perspectivas, 2007. p. 59–82.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Biblioteconomia: Fundamentos e Desafios Contemporâneos. **Folha de Rosto**: Revista de Biblioteconomia e Documentação, Ceará, v.3, n. 1, 2017. p. 68-79.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Correntes teóricas da Biblioteconomia. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 41 - 58, 2013.

CEDEP. **Centro de Estudos de Dewey e Pragmatismo**: John Dewey, Filósofo e Pragmatista. 2017. Disponível em: <https://deweypragmatismo.wordpress.com/sobre-john-dewey>. Acesso em: 30 de Jun. 2017.

CORRÊA, Elisa Cristina Delfini. Usuário, não! Interagente: proposta de um novo termo para um novo tempo. **Enc. Bibli**: R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf., Florianópolis, v. 19, n. 41, 2014.

CUNHA, Marcus Vinicius da. **John Dewey: uma filosofia para educadores em sala de aula**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

DEWEY, John. **Democracia e Educação**: Introdução à filosofia da educação. 3 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959.

DEWEY, John. **Experiência e Educação**. 2. ed. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

XXIII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – ENANCIB
Aracaju-SE – 06 a 10 de novembro de 2023

DEWEY, John. Liberalismo Renascente (1935). *In*: FRANCO, Augusto de; POGREBINSCHI, Thamy (Ed.). **Democracia Cooperativa**: Escritos Políticos Escolhidos de John Dewey. Porto Alegre: EdIPUC-RS, 2008. p. 81-106.

FERREIRA, Emanuelle Geórgia Amaral; ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. A biblioteca contemporânea a partir da concepção dos bibliotecários e professores de Biblioteconomia. **Biblionline**, João Pessoa, v. 12, n., p. 61-78, 2016.

LANKES, Richard David. **Expect more**: melhores bibliotecas para um mundo complexo. São Paulo: Febab, 2016.

LANKES, Richard David. **The Atlas of The New Librarianship**. Cambridge: The MIT Press, 2011.

MATOS, José Cláudio Morelli; FERREIRA, Khaterim Pessoa. Dewey e Orwell: A noção deweyana de democracia e a obra A Revolução dos Bichos. *In*: HARDT, Lúcia Schneider; MOURA, Rosana Silva De (Org.). **Filosofia e Educação**: entre derives, interrupções e aberturas - outro mundo contemplado. Blumenau: Edifurb, 2016. p. 261-285.

PRADO, Jorge Moisés Kroll do. A Biblioteconomia de David Lankes. **Enc. Bibli: R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf.**, Florianópolis, v. 22, n. 48, p. 100-102, 2017.

SCOTT, Bernard. Gordon Pask's Conversation Theory: A Domain Independent Constructivist Model of Human Knowing. **Foundations Of Science**, Holanda, v. 6, n. 4, p. 1-15, 2001. Disponível em: <https://www.univie.ac.at/constructivism/pub/fos/pdf/scott.pdf>. Acesso em: 30 out. 2017.